

# ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA

## MODALIDADE A DISTÂNCIA



1933

# MÓDULO PEDAGÓGICO





# **Concepções Pedagógicas**

**Lucila Maria Pesce de Oliveira**

**Maria Teresa Meirelles Leite**

**MÓDULO PEDAGÓGICO**

PRESIDENTA DA REPÚBLICA  
Dilma Vana Rousseff

VICE-PRESIDENTE  
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA EDUCAÇÃO  
Fernando Haddad

MINISTRO DA SAÚDE  
Alexandre Padilha

SECRETARIA DE GESTÃO DO TRABALHO E DA  
EDUCAÇÃO EM SAÚDE (SGTES)

Secretário: Milton Arruda

DEPARTAMENTO DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO EM  
SAÚDE (DEGES)

Diretor: Sigisfredo Luís Brenelli

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO  
PAULO (SES-SP)

Secretário: Giovanni Guido Cerri

CONSELHO DE SECRETÁRIOS MUNICIPAIS DE  
SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO (COSEMS)

Presidente: Maria do Carmo Cabral  
Carpintéro

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE  
(OPAS)

Diretora: Mirta Roses Periago

REDE UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS  
(UNA-SUS)

Secretário Executivo: Francisco Eduardo de  
Campos

Coordenador: Vinícius de Araujo Oliveira

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DA  
FAMÍLIA E COMUNIDADE (SBMFC)

Presidente: Gustavo Diniz Ferreira Gusso

FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SÃO PAULO (FAPUNIFESP)

Diretor Presidente: Durval Rosa Borges

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
(UNIFESP)

Reitor: Walter Manna Albertoni

Vice-Reitor: Ricardo Luiz Smith

Pró-Reitora de Extensão: Eleonora  
Menicucci de Oliveira

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO  
UNA-SUS (UNIFESP)

Eleonora Menicucci de Oliveira

COORDENAÇÃO ADJUNTA/EXECUTIVA

Alberto Cebukin

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Laís Helena Domingues Ramos

Daniel Almeida Gonçalves

Rita Maria Lino Tarcia

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Monica Parente Ramos

Gisele Grinevicius Garbe

COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA

Daniel Lico dos Anjos Afonso

PRODUÇÃO

Adriana Mitsue Matsuda

Antonio Aleixo da Silva

Eduardo Eiji Ono

Felipe Vieira Pacheco

Reinaldo Gimenez

Silvana Solange Ferreira Xavier Gimenez

Silvia Carvalho de Almeida

Tiago Paes de Lira

Valéria Gomes Bastos

EDIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

Universidade Federal de São Paulo - Pró-Reitoria de Extensão  
Rua Pedro de Toledo, 650, 2º andar - Vila Clementino - CEP 04039-032 - SP  
<http://www.unasus.unifesp.br>

COPYRIGHT 2010 - 2011

Todos os direitos de reprodução são reservados à Universidade Federal de São Paulo.  
Somente será permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte.

ESPECIALIZAÇÃO EM  
**SAÚDE**  
da FAMÍLIA

## Sumário

Concepções Pedagógicas.....	3
Introdução .....	7
Concepções de Educação.....	8
Concepção Tradicional .....	8
Concepção Comportamentalista .....	9
Concepção Humanista .....	9
Concepção Cognitivista.....	10
Concepção Sociocultural.....	11
Novas Tendências: concepções de educação na sociedade do conhecimento.....	13
Andragogia ou teorias sobre a aprendizagem de adultos .....	14
Educação Continuada .....	16
Referências .....	19



# Introdução

Você provavelmente já deve ter notado como a educação está presente em quase todas as instâncias de atividade humana, além do contexto da educação formal. Na família, na escola, na universidade, na saúde, nas mídias, nas atividades culturais... E sempre com uma gama diversa de significados e interpretações, não é verdade?

Na família, por exemplo, educar pode significar a transmissão de princípios morais, principalmente por meio do “bom exemplo” de conduta dos pais. Nas mídias, como na televisão, pode significar sensibilizar um grande número de pessoas para questões de saúde, cidadania ou ética, ou também para, implicitamente, definir padrões estéticos e de consumo, que podem refletir diretamente no comportamento social de crianças, adolescentes e adultos. No ambiente profissional, educar pode ter o sentido de capacitar indivíduos para atividades profissionais específicas, ou de atualizar conhecimentos. A gestão do conhecimento (ERDMANN et al., 2006) é hoje uma área de atuação importante em corporações de médio e grande porte, que percebem que muito do conhecimento da equipe profissional nem sempre é tornado explícito e compartilhado. Na educação formal, ou seja, nas escolas, educar corresponde a formar um indivíduo integralmente, em seus aspectos cognitivos, psicomotores, procedimentais, afetivos e sociais.

Talvez o que você ainda não saiba é que, embora atividades educativas possam ser identificadas em várias esferas de atuação humana e com diferentes finalidades, a Educação, enquanto área de conhecimento, desenvolve seus estudos e pesquisas apoiada na investigação da realidade e nos fundamentos epistemológicos e gnosiológicos advindos da Filosofia, da História, da Psicologia, da Sociologia, entre outras áreas do conhecimento. Em decorrência desses estudos, são identificadas diferentes concepções de Educação, organizadas e aceitas por pesquisadores, ao longo do tempo, que detalharemos a seguir. Tais concepções permitem sistematizar teorias e práticas pedagógicas a partir de concepções filosóficas, consideradas em um contexto sócio-histórico, e que instituem formas de compreender a ação educativa, em suas variações e componentes (LEITE, 2008).

Esse desconhecimento se deve, na maioria das vezes, ao fato de que, no Brasil, a formação pedagógica para a docência em nível superior não é exigida, prevalecendo a ideia de que “quem sabe, sabe ensinar”, o que pode determinar a reprodução dos mesmos conteúdos e procedimentos de ensino utilizados na formação profissional por décadas (MASETTO, 2003). Entretanto, mesmo que não explicitadas, as concepções de educação presentes e continuamente reiteradas na prática educativa aparecem subjacentes às atitudes, à forma como se estabelece ou não a relação professor-aluno e às formas de ensinar e de avaliar escolhidas pelo professor (ZABALA, 1998).

# Concepções de Educação

Uma das referências mais respeitadas e consolidadas nessa área, no Brasil, é Maria da Graça Nicoletti Mizukami (MIZUKAMI,1986), professora titular pela Universidade Federal de São Carlos, que classifica as concepções de educação com base nas teorias psicológicas como: Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sociocultural, compiladas e brevemente descritas a seguir.

## Concepção Tradicional

O modelo tradicional, embora sem fundamentação teórica empiricamente validada e consolidada, predomina no contexto educacional brasileiro desde o Império, tendo sido inspirado pelo modelo francês-napoleônico da época, e influencia fortemente, até hoje, o ensino superior. Nessa concepção, o aluno é considerado receptor passivo de informações preestabelecidas pelo sistema ou instituição educacional, que deve criteriosamente selecionar e preparar os conteúdos a serem transmitidos às novas gerações. A avaliação da aprendizagem baseia-se na capacidade de reprodução fiel das informações ensinadas. A relação professor-aluno é marcada por forte hierarquização e autoritarismo. O professor toma todas as decisões relativas ao processo ensino-aprendizagem, e exerce a função de conduzir seus alunos a adaptarem-se ao contexto cultural vigente, tido como referência do modelo. Não se verifica incentivo ao pensamento crítico e criativo, à autonomia do aluno, à colaboração entre pares, e à democracia nas tomadas de decisões.

Essa concepção pode ser identificada no ensino superior, mesmo quando associada à utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC), em cursos presenciais, semi-presenciais ou a distância (EaD). Evidencia-se, pela ênfase na produção e na transmissão de conteúdos, que ganham sofisticação em formatos multi ou hipermidiáticos, como em certos tutoriais virtuais ou aulas em vídeos, com suporte em CD-ROM ou via internet. No entanto, em sua essência permanecem associados ao modelo pedagógico tradicional, por supor que o aluno deve ser o receptor passivo e o reprodutor das informações veiculadas.

## Concepção Comportamentalista

Na abordagem comportamentalista ou behaviorista, o conhecimento é externo ao indivíduo e deve ser por ele descoberto como resultado direto de sua experiência. Cabe à Educação o papel de estabelecer um roteiro de ações rigorosamente controlado, que conduza o aluno a atingir objetivos de ensino pré-determinados. A transmissão dos conteúdos deve levar ao desenvolvimento de habilidades e competências.

Encontra respaldo teórico na corrente filosófica conhecida como Positivismo, fundada por Auguste Comte no século XVIII, que postula, entre outras coisas, que todos os eventos humanos podem ser sistematizados e mensurados por meio dos mesmos critérios adotados para a pesquisa em ciências naturais.



### SAIBA MAIS...

*A abordagem comportamentalista tem como grandes nomes Watson, Skinner e Pavlov. De modo bastante simplificado, o Behaviorismo situa-se como ramo objetivo e experimental da Psicologia voltado ao estudo do comportamento. Ao desenvolver seus estudos, em meio à análise experimental do comportamento, Skinner salienta o reforço como condição para o controle do comportamento humano (PESCE, 2010).*

O papel do professor, nessa concepção, é o de planejador e estrategista do processo ensino-aprendizagem, e ainda o responsável por manter, sobre ele um rigoroso controle. O professor deve reforçar os aspectos positivos ao aluno e evitar castigos e punições, práticas toleradas no ensino tradicional. O Comportamentalismo, como o nome indica, postula que o comportamento humano é ordenado e determinado, não havendo lugar para o livre-arbítrio.

Nos anos 1960, sob a influência dessa concepção de educação, popularizaram-se os estudos dirigidos, precursores do que se conhece hoje como tutoriais interativos para aprendizado a distância, usualmente em CD-ROM e com recursos da hipermídia, que preveem um detalhado roteiro de estudos, com exercícios de resposta automática, que o estudante trilha sozinho, sem o apoio de um professor. A ênfase dirige-se à elaboração do material didático e à formulação do roteiro a ser seguido. Alguns autores a reconhecem como Tecnicismo (LIBÂNEO, 1986).

## Concepção Humanista

A abordagem Humanista privilegia os aspectos da personalidade do sujeito que aprende. Corresponde ao “ensino centrado no aluno”. O conhecimento, para essa concepção, existe no

âmbito da percepção individual e não se reconhece objetividade nos fatos. A aprendizagem se constrói por meio da re-significação das experiências pessoais. O aluno é o autor de seu processo de aprendizagem e deve realizar suas potencialidades. A educação assume um caráter mais amplo, e organiza-se no sentido da formação total do homem e não apenas do estudante.

Valoriza a democracia nas relações, de tal forma que o professor atua como um facilitador da aprendizagem e das relações interpessoais, e deve ser compreensivo com os sentimentos e características de personalidade de seus alunos, criando um clima favorável à aprendizagem.



### SAIBA MAIS...

*Os procedimentos ou estratégias de ensino assumem um papel secundário, na medida em que se valoriza a pesquisa de conteúdos feita pelos alunos, de forma crítica e pessoal. Por decorrência, defende o processo de auto-avaliação do aluno. Seus representantes mais significativos foram C. Rogers (ROGERS; FREIBERG, 1969) e A. Neill (NEILL; FROMM, 1960), cujas ideias marcaram mundialmente os anos 60, revolucionando o pensamento pedagógico.*

No ensino superior, esta abordagem é pouco difundida. Pode ser identificada em atividades específicas, como o portfólio do estudante, que valoriza a expressão subjetiva como parte da proposta pedagógica. (ANASTASIOU; ALVES, 2004). Nele devem ser registradas não só as informações relativas aos conteúdos de ensino, mas também as impressões da trajetória pessoal no processo de aprendizagem. Nos cursos desenvolvidos na modalidade a distância, o suporte à autonomia e os portfólios de estudantes podem ser viabilizados em diversos ambientes virtuais de aprendizagem (FILATRO, 2004).

## Concepção Cognitivista

A abordagem cognitivista investiga os caminhos percorridos pela inteligência (cognição) no processo de construção do conhecimento. Diferentes autores, adeptos dessa compreensão da ação educativa, atribuem maior ou menor influência à cultura, à personalidade, à afetividade, ao momento histórico e ao meio social no processo de aprendizagem. Essa característica os distingue, em seus aspectos teóricos e práticos. Nesse conjunto ainda são encontradas as bases teóricas das teorias construtivistas.

Os representantes mais significativos dessa concepção são o suíço Jean Piaget (PIAGET, 1999), que a partir dos anos 1920 mapeou o desenvolvimento cognitivo de crianças, e o norte-americano Jerome Bruner (BRUNER, 1977), que nos anos 1960 organizou uma teoria de instrução baseada no estudo da cognição.

Piaget, pai da Epistemologia Genética, buscou compreender a relação entre construção do conhecimento e desenvolvimento da inteligência. O teórico destaca que o conhecimento não

pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento e tampouco como mero resultado de percepções e informações, mas como fruto das ações e interações do sujeito com seu ambiente (PIAGET, 1999). Os estágios de desenvolvimento descritos pela Epistemologia Genética – sensório-motor, pré-operatório e operatório (concreto e formal) – tornam clara a ideia de que a inteligência desenvolve-se a partir de um movimento interacionista e ocorre por saltos qualitativos (PESCE, 2010).

As teorias cognitivistas entendem o ser humano como um sistema aberto, ou seja, consideram sua capacidade de processar novas informações, integrando-as a seu repertório individual, reconstruindo-as de forma única e subjetiva continuamente ao longo da vida, em direção à constante auto-superação, e incorporando estruturas mentais cada vez mais complexas. Nessa abordagem, o professor é entendido como mediador entre o aluno e o conhecimento. Cabe a ele problematizar os conteúdos de ensino, criando condições favoráveis à aprendizagem, e desafiar os alunos para que cheguem às soluções por meio de um processo investigativo.



#### SAIBA MAIS...

*Embora o cognitivismo esteja originalmente relacionado ao desenvolvimento cognitivo de crianças, essas teorias têm sido re-significadas para responder a demandas da aprendizagem de adultos associada a recursos tecnológicos de ensino, como na EaD. Um exemplo são os sistemas projetados para identificar estilos de aprendizagem e para propor formas de navegação no conteúdo em hipermídia personalizadas.*

## Concepção Sociocultural

A abordagem Sociocultural difere das anteriores, por colocar no centro do processo ensino-aprendizagem os contextos político, econômico, social e cultural onde ocorre a ação educativa.

Um importante representante dessa concepção é Lev Semenovitch Vygotsky, que pauta seus estudos sobre as origens e a evolução da consciência do homem no Materialismo Histórico (VYGOTSKY, 1989). À luz de tal concepção, o autor revela a relação entre linguagem, consciência e constituição da identidade. Ao conceber a aprendizagem como processo sócio-histórico mediado pela cultura, o estudioso aponta a íntima articulação da aprendizagem com os esquemas de significação e com os quatro planos de desenvolvimento: Filogenético (história da espécie), Ontogenético (desenvolvimento histórico do indivíduo), Sociogenético (história da cultura) e Microgenético (história de cada fenômeno psicológico). Ao fazê-lo, evidencia o papel social da aprendizagem e sua relevante contribuição para tornar a consciência (estruturas psicológicas superiores) mais complexa. Ao destacar que a aprendizagem mobiliza os processos de desenvolvimento, pois a mediação constitui a atividade mental, Vygotsky sublinha que a atividade interpessoal desencadeia processos intrapsicológicos. A partir de uma visão dialética dos processos de construção do conhecimento, Vygotsky concebe a linguagem como o principal

instrumento de representação simbólica e, por conseguinte, como condição mais importante do desenvolvimento da consciência do sujeito social em formação. Para o erudito, o conteúdo da experiência histórica do homem vê-se refletido nas formas verbais de comunicação (PESCE, 2010).

No Brasil, Paulo Freire é o representante mais significativo da abordagem Sociocultural (FREIRE, 1987). Nessa perspectiva, o ser humano não pode ser compreendido fora de seu contexto; ele é o sujeito de sua própria formação e se desenvolve por meio da contínua reflexão sobre seu lugar no mundo, sobre sua realidade. Essa conscientização é pré-requisito para o processo de construção individual de conhecimento ao longo de toda a vida, na relação pensamento-prática. Visa à consciência crítica, que é a transcendência do nível de assimilação dos dados do mundo concreto e imediato, para o nível de percepção subjetiva da realidade, como um processo de relações complexas e flexíveis ao longo da história.

Para os autores adeptos dessa concepção, toda atividade educacional deve ser pautada por essa visão de mundo e sociedade e permitir amplas possibilidades de reflexão. A educação deve ser sempre problematizadora e proporcionar ao aluno uma compreensão ampla dos contextos nos quais o problema se insere, mobilizando-o para perceber-se como parte integrante desse conjunto complexo que é a sociedade. A relação professor-aluno é igualitária e democrática, o professor deve ser crítico, questionar os valores da cultura dominante, instigando os alunos para que eles mesmos se tornem produtores de cultura.

Sob esta perspectiva e tendo em comum a preocupação de contextualizar os conteúdos de ensino no ambiente real da prática profissional, podem ser descritos diversos tipos de procedimentos de ensino adotados no ensino superior, nas modalidades presencial ou a distância, tais como: projetos colaborativos, estudos de caso, problematização, aprendizagem baseada em problemas (PBL), entre outros.

# Novas Tendências: concepções de educação na sociedade do conhecimento

Atualmente, a Pedagogia e a Psicologia constroem novas teorias sobre o conhecimento denominadas como Via da Complexidade (GIUSTA; FRANCO, 2003). Busca-se alargar os horizontes das discussões sobre o conhecimento, ao levar em conta outros determinantes circunstanciais, incorporando, por exemplo, reflexões sobre o impacto das tecnologias digitais na sociedade, no ser humano e em suas práticas (ZUIN, 2010).

Nesse contexto, faz-se importante citar, além das concepções decorrentes de teorias da Educação, pesquisadores contemporâneos, que vêm observando as formas de educar com apoio das tecnologias, como no caso da Educação a Distância ou da incorporação desses recursos ao ensino presencial.

Por exemplo, José Armando Valente distingue três abordagens na EAD. Na abordagem *broadcast*, o professor apenas transmite a informação, via aparato tecnológico; daí sua proximidade com a concepção tradicional como descrita por Mzukami. Na abordagem “virtualização da sala de aula presencial”, o professor transfere para o espaço virtual a mesma dinâmica da aula presencial. Já a abordagem “estar junto virtual” contempla a dinâmica comunicacional, que privilegia a mediação do professor junto ao aluno, por meio da tecnologia, para que se realize o ciclo construcionista “descrição-execução-reflexão-depuração-descrição” (VALENTE, 2000).

Como se pode perceber, dentre as distintas abordagens educacionais, as concepções Cognitivista, Sociocultural e a Via da Complexidade enfatizam o valor dos intertextos, a construção de sentidos e a constituição da identidade dos sujeitos sociais em formação. A relevância dos aspectos sociais na constituição do sujeito que aprende deve situar-se como atitude primordial aos programas de formação desenvolvidos na EaD e veiculados nos ambientes digitais (PESCE, 2010).

# Andragogia ou teorias sobre a aprendizagem de adultos

Você já reparou que adultos, em geral, têm uma relação diferente de crianças com a aprendizagem? Vamos aprender sobre isso? Você já ouviu falar de Andragogia?

O termo Andragogia é utilizado para referir-se aos estudos sobre a aprendizagem de adultos, em oposição à Pedagogia, que se dedica a pesquisar os processos de ensino e aprendizagem em crianças. O pesquisador mais influente nessa área é o norte-americano Malcolm Knowles (KNOWLES, 1970), que acreditava que o mais importante era ensinar os adultos a aprender. Esse autor relacionou alguns aspectos que influenciam a aprendizagem de adultos:

- Auto-conceito - O conceito de um adulto em relação a sua própria aprendizagem costuma estar relacionado com a experiência que teve como estudante na infância e adolescência. Muitas vezes, como o professor trata seus alunos como dependentes, essa imagem tende a se cristalizar e influenciar o aprendizado do adulto, que segue com um comportamento dependente de quem o ensina.
- Experiência - Durante a vida escolar, a experiência do aluno geralmente não é considerada. Na vida adulta, a constante conexão entre vida prática e novos conteúdos é essencial à aprendizagem.
- Orientação à aprendizagem - Crianças e adolescentes são dirigidos a aprender conteúdos pré-definidos. O adulto possui outra orientação para a aprendizagem, e pode não se satisfazer com organizações curriculares fechadas.
- Motivação - Enquanto o desenvolvimento escolar da criança e do adolescente passa por motivação externa (notas, aprovação, castigos, pressões da família), o adulto depende de motivação interior para prosseguir nos estudos.

Outros pesquisadores se seguiram a Knowles, reforçando ou contestando suas ideias. Um exemplo brasileiro é o professor Ari Oliveira, que elenca quatorze princípios que devem nortear o relacionamento com adultos, no processo educativo (OLIVEIRA, 2005). Esses princípios expressam a essência da Andragogia. Destacamos aqui alguns deles:

- *O centro das atividades educacionais do adulto é na aprendizagem e jamais no ensino.*

Exemplo: Muitos adultos têm dificuldade para se concentrarem em uma aula expositiva. No entanto, podem ficar horas pesquisando ou trabalhando sem nenhum tipo de instrução.

- *Compartilhar experiências é fundamental para o adulto, tanto para reforçar suas crenças, como para influenciar as atitudes dos outros.*

Exemplo: É muito comum que adultos passem muito tempo conversando e trocando ideias. Podemos facilmente verificar que aprendemos muito nessas trocas, muitas vezes mais do que em situações formais de ensino.

- *O adulto é o agente de sua aprendizagem e por isso é ele quem deve decidir sobre o que aprender. A experiência é o melhor elemento motivador do adulto. Portanto, o ambiente de aprendizagem com pessoas adultas deve ser permeado de liberdade e incentivo para cada indivíduo falar de sua história, ideias, opiniões, compreensão e conclusões sobre os temas trabalhados.*

Exemplo: A experiência de um curso *on-line*, onde há maior flexibilidade nas escolhas sobre a navegação, evidencia este princípio.

- *O processo de aprendizagem do adulto se desenvolve na seguinte ordem: Sensibilização (motivação) - Pesquisa (estudo) - Discussão (esclarecimento) - Experimentação (prática) - Conclusão (convergência) - Compartilhamento (sedimentação).*

Comentário: Essa sequência não se assemelha às etapas do método científico? Note que o compartilhamento pode ser comparado à etapa de publicação.

- *O professor tradicional prejudica o desenvolvimento do adulto, pois o coloca num plano inferior de dependência, reforçando, com isso, seu indesejável comportamento reativo próprio da fase infantil.*

Comentário: Este último princípio nos leva a refletir sobre o papel do educador, em especial no mundo contemporâneo, onde a autonomia na busca do conhecimento, a atitude investigativa e ao mesmo tempo colaborativa se tornam mandatórias.

Então, o que achou desses princípios, com quantos deles você se identificou ou identificou antigos professores?

# Educação Continuada

Talvez você se lembre ou já tenha ouvido dizer que, a atualização profissional de profissionais da saúde, no Brasil, sempre aconteceu muito mais frequentemente fora do contexto da educação formal, como por meio de participações em congressos e seminários, e até mesmo pela ação dos propagandistas de laboratórios farmacêuticos. A oferta de cursos de atualização pelas universidades já foi bastante limitada.

Felizmente, isso não representa mais a realidade. Com os avanços tecnológicos, o volume e a rapidez de produção e de circulação de informações científicas alcançaram tal dimensão, que se torna impossível para um profissional de saúde manter-se atualizado empregando apenas os mesmos recursos utilizados no passado. Faz-se necessário aprender a selecionar a informação relevante, reconhecer as fontes fidedignas e desenvolver habilidades de busca e pesquisa no universo virtual. Assim, a aprendizagem não se encerra na graduação, mas continua por toda a vida (KENSKI, 2004).

Para além da esfera do desenvolvimento intelectual individual, na Sociedade do Conhecimento experimentam-se mudanças importantes também na vida coletiva. A aceleração dos processos de produção e veiculação de informações estimula significativamente a busca por aprendizagem constante, ou, educação continuada, o que gera por sua vez um impacto na vida social como um todo (WERTHEIN, 2000).

Esse cenário pode gerar insegurança nos profissionais, não só para acompanhar as mudanças, mas também para selecionar as fontes confiáveis e as informações relevantes para efetivamente incorporá-las à sua prática, de acordo com o contexto socioeconômico e cultural no qual trabalham.

A necessidade de um processo de educação continuada, regulado por organismos oficiais, como associações profissionais e universidades, impõe-se agora, mais do que nunca. E isso, de certo modo, já começa a acontecer.

A título de exemplo, a Educação Médica Continuada, apesar de não encontrar correspondente exato no sistema educacional brasileiro oficial, tem se tornado cada vez mais familiar aos profissionais de Medicina. Deriva do conceito norte-americano de *Continuing Medical Education* (CME), um sistema de atualização profissional médica que oferece certificação oficial a partir de um número determinado de créditos, que podem ser obtidos por meio de atividades educacionais variadas. No Brasil, a Comissão Nacional de Acreditação (CNA), por meio da resolução nº 1.772/2005, instituiu o Certificado de Atualização Profissional para os portadores dos títulos de especialista e certificados de áreas de atuação. Esse certificado tem validade de 5 anos, após os quais os médicos deverão submeter-se obrigatoriamente a um processo de certificação de atualização profissional (LEITE, 2009).

Para o Ministério da Educação (MEC), a modalidade que mais se aproxima da educação continuada, em qualquer área do conhecimento, são os cursos de extensão, como a pós-graduação lato-sensu - muito procurados por profissionais de diversas áreas. Esses cursos qualificam em nível de especialização, e possuem caráter de educação continuada, por destinarem-se a profissionais com graduação completa. Têm carga horária mínima de 360 horas e são oferecidos por instituições de ensino superior ou por instituições especialmente credenciadas junto ao MEC para atuarem nesse nível educacional. Diferente dos cursos de pós-graduação stricto sensu, que dependem de autorização e reconhecimento por parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os cursos de especialização (lato-sensu) não obedecem a regulamentações específicas e pré-determinadas, sendo apenas sujeitos a avaliações quantitativas promovidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), no processo de avaliação das instituições de ensino superior (IES) (LEITE, 2008).

A educação continuada, seja presencial ou a distância, corresponde a ações educacionais, que devem se caracterizar por:

- Dirigir-se à atualização e desenvolvimento profissional, em resposta às necessidades impostas na sociedade;
- Utilizar o apoio de recursos para criar situações em favor da auto-aprendizagem e/ou da aprendizagem colaborativa;
- Considerar as peculiaridades do aprendizado de adultos, ou Andragogia.

No Brasil, o impacto da educação continuada ainda é limitado, mas com grande potencial, especialmente se considerado o grande crescimento da internet no país, que oferece condições de oferta de cursos *on-line*. Nos últimos anos, uma cifra que hoje ultrapassa os 21 milhões de usuários, tendo superado o recorde de uso da internet em residências, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), em 2006.

### Dicas

Mais informações no Portal do MEC em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=387&Itemid=349](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=387&Itemid=349)



#### SAIBA MAIS...

Este uso ainda está concentrado nas camadas socioeconômicas mais favorecidas, residentes nos grandes centros urbanos, onde se registram altos índices de problemas de trânsito e de violência que, de certo modo, impulsionam as formas de entretenimento e cultura domésticas, como a internet. Cabe ressaltar que apenas 29% desses usuários acessam sites de Educação e carreiras, segundo o IBOPE.

Atualmente, várias instituições públicas e privadas já oferecem educação continuada a distância na área da saúde. Por exemplo, as associações profissionais e sociedades de especialidades oferecem programas de atualização profissional a distância. Esses cursos são geralmente produzidos com o apoio de instituições de ensino e de pesquisa e utilizam diversas tecnologias, como internet e televisão via satélite. Vale mencionar também a relevância de iniciativas das chamadas universidades corporativas ou centros de educação continuada, sediadas em grandes hospitais de referência, que também oferecem programas de atualização e especialização.

Além dessas, cabe ressaltar as iniciativas governamentais, nas esferas federal e estaduais, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB) criada pelo Ministério da Educação em 2005, e a própria Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UnA-SUS) criada em 2008 pelo Ministério da Saúde.

## Referências

- ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: Pressupostos para as estratégias de trabalho em Aula. Joinville: Univille, 2004.143 p.
- BRUNER, J.S. **The process of education**. Cambridge: Harvard University, 1977.
- ERDMANN, A.L. et al. **Gestão das práticas de saúde na perspectiva do cuidado complexo**. Texto contexto-enferm., Florianópolis, p.483-491. 2006.
- FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. São Paulo, Senac, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRANCO, I.M.; GIUSTA, A.S. (Orgs.). **Educação a distância, uma articulação entre teoria e prática**. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2003.
- KENSKI, V.M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2004.
- KNOWLES, M.S. **The modern practice of adult education**. New York: Association Press, 1970.
- LEITE, M.T.M. Educação Médica Continuada online: potencial e desafios no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Médica - RBEM** v.0040/2009. 2009. Disponível em [http://www.educacaomedica.org.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=57129/04/2010](http://www.educacaomedica.org.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=57129/04/2010). Acesso em 25/11/2010.
- LEITE, M.T.M. **Cursos em educação médica continuada on-line na América Latina**: um olhar pedagógico. 2008. 158 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1986.

MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

NEILL, A.S.; FROMM, E. **Summerhill: a radical approach to child rearing**. New York: Hart, 1960.

OLIVEIRA, A.B. Andragogia: a educação de adultos. **Ser professor universitário**. Disponível em <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=13>. Acesso em 25/11/2010.

PESCE, L. Contribuições da web 2.0 à formação de educadores sob enfoque dialógico. In: DALBEN, A.; DINIZ, J.; SANTOS, L. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 251-278. Disponível em [http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro\\_3.PDF](http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_3.PDF). Acesso em 20/11/2010.

PIAGET, J. **The psychology of intelligence**. USA: Routledge, 1999.

ROGERS, C.R.; FREIBERG, H.J. **Freedom to learn**. New York: Merrill, 1969.

VALENTE, J.A. Criando oportunidades de aprendizagem continuada ao longo da vida. **Revista Pátio**, v.4, p.15. 2000.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**: São Paulo, Martins Fontes, 1989.

WERTHEIN, J.A. Sociedade da Informação e seus desafios. **Ci. Inf**, v.29, n.2, p.71-77. 2000.

ZABALA, A. A. **Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, v.11, p.67-98. 1998.

ZUIN A., PESCE L. Razão instrumental, emancipação e formação online de educadores. In: Wak (Ed.). **Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak. p.109-133, 2010.